

SÃO GONÇALO

122 ANOS

A todo vapor

EMPRESAS
MULTINACIONAIS
REPRESENTAM 16%
DOS EMPREGOS
FORMAIS NO MUNICÍPIO

PARTE INTEGRANTE DE O FLUMINENSE. NÃO PODER SER VENDIDA SEPARADAMENTE.



Paisagens verdejantes

Áreas remanescentes de Mata Atlântica estão espalhadas por oito bairros do município

NATÁLIA KLEINSORGEN

Pouca gente sabe o que é Mata Atlântica e menos gente ainda conhece as ilhas de áreas verdes pertencentes ao município de São Gonçalo. Verdadeiros pedacinhos de um tesouro, agora urbano. Foi com muita vontade de divulgar a importância dessas regiões que mais de 30 professores – entre eles os biólogos especialistas em botânica, Luiz José Soares Pinto e Marcelo Guerra – se reuniram para escrever a obra que também trata de outras questões relacionadas à biodiversidade, “Estudos Ambientais em regiões metropolitanas: São Gonçalo” (Ed. Uerj, 2012).

“A Mata Atlântica compreende um bioma muito grande, é aquela vegetação que ocorre, principalmente, mas não exclusivamente, no litoral do Brasil. Por ser grande, ela se apresenta com diferentes ‘caras’. Quando a gente fala de manguezal, restinga ou essas matas que estão nos morros, fala de Mata Atlântica, mas ela também está nas baixadas:

tudo isso pode ser incluído”, ilustra Marcelo, que também é o organizador do livro.

Falar do que resta desse tipo de vegetação é importante porque ela está entre os 10 biomas mais destacados do mundo, tendo um grande número de espécies endêmicas, ou seja, que só ocorrem naquele ambiente. Outro fator que deve ser considerado é o nível de ameaças que vem sofrendo. Por estar localizada no litoral, ela tem sido devastada em nome das atividades econômicas, desde antes da era cabralhística, dos tempos dos portugueses.

Esta é a hora de recuperar-se a discussão em torno do assunto, já que o município é rodeado por esta vegetação – por exemplo as áreas de proteção ambiental (APAs) do Engenho Pequeno, a federal de Guapimirim, em parte localizada em São Gonçalo, e vários fragmentos na região de Itaitindiba, Serra de Cassoritiba, Anaia Grande e Pequeno, Maciço de Itaúna, Cala Boca e Rio do Ouro, que não estão em espaços de

conservação. Por lá, predominam as regiões de manguezal, consideradas grandes berçários da vida marinha, e também as florestas submontanas, definidas pelo relevo, compostas por árvores que crescem abaixo de 500 metros de altitude.

“Boa parte dos peixes e crustáceos, como caranguejos e camarões, têm seu refúgio nas áreas de manguezais, que também servem como um filtro, evitando que toda areia que venha dos rios desemboque na Baía de Guanabara, segurando e promovendo vida. Além disso, as plantas de mangue são vegetação que só se desenvolve nestas áreas. Em São Gonçalo, mais especificamente na APA de Guapimirim, na Ilha de Itaoca, além da margem litorânea que acompanha a BR-101”, explica Luiz.

Cala Boca, Rio do Ouro e o ponto mais alto do município, o Alto do Gaia, em Itaitindiba, têm predominância dessas florestas mais baixas, que são uma prolongação da Serra da Tiririca.



Os biólogos, Luiz José Soares Pinto e Marcelo Guerra, são autores do livro de biodiversidade "Estudos ambientais em regiões metropolitanas de São Gonçalo", que dividiu o município em regiões verdes e mais preservadas



Os manguezais são ecossistemas ricos, considerados berçários da vida marinha

DIVULGAÇÃO: MARCELO GUERRA SANTOS



Em Rio do Ouro, predominam florestas mais baixas, prolongamentos da Serra da Tiririca

Construções desordenadas: antropocentrismo devastador

Essas áreas têm se mantido, mesmo com toda a "intromissão" do homem. Quando se fala de um município que teve crescimento majoritariamente desordenado como São Gonçalo, é preciso considerar as invasões de moradores em locais onde a mata foi derrubada inconsequentemente para o estabelecimento de residências. De acordo com os professores, poucas são as pessoas que destroem para ter uma plantação, em geral é para fins imobiliários.

"Uma pessoa que more próximo da Serra da Tiririca ou do Alto da Boa Vista, por exemplo, se sente privilegiada. Comprar uma casa nessas regiões é caro. As pessoas que moram perto das áreas verdes por aqui se sentem prejudicadas, diminuídas, excluídas. Isso é reflexo da falta de melhorias da cidade, que não chegam nessas regiões", avalia Marcelo.

A consciência dos moradores dessas regiões deve mesmo ser tra-

balhada e, segundo os professores, através de educação - divulgação, informação - aliada ao poder público. Durante a visita a alguns locais onde haviam residências no bairro do Engenho Pequeno, que abriga uma das APAs, foram ouvidas reclamações com relação à presença de animais silvestres, à falta de iluminação e à ausência de cuidado com o lixo, que parece levado pelos próprios moradores e depositado na mata.

Há sete anos morando por lá, Luana Cristina de Castro tem 27 anos e três filhos - Luiz Felipe, 3, Luiz Fabiano, 7, e Patrick, mais velho, de 9 anos. Eles nunca foram até a APA. Por trabalhar fora, não costuma conversar com os meninos sobre essas questões ambientais, mas jura que seu amigo faz isso nos tempos livres.

"Acho a mata muito bonita, mas ela oferece perigos e por isso tento manter meus filhos longe dela. Até quando a escola oferece excursões eu não deixo. Acho que precisaria conhecer primeiro o local para depois permitir que eles passem por lá", considera Luana.

Nostalgia e esperança de dias melhores

Ao contrário dela, dona Maria Helena da Silva Costa Barros, de 56 anos, mora há 28 no Engenho Pequeno. Ali, pertinho da APA, criou seu filho William, de 26 anos. O sobrinho Matheus Medeiros Oliveira, 14, também vive por lá. O marido, guarda municipal, nasceu e foi criado no mesmo lugar, e até trabalhou na área de proteção em épocas que ela era melhor cuidada.

"É importante que este lugar não venha a ser desativado. Antes, tinha funcionários por lá, hoje parece que as pessoas vão passear e deixam lixo. Acho muito tranquilo morar aqui perto. Vivo com minhas janelas abertas, parece que moro no interior mesmo, não tenho preocupação nenhuma com violência", diz Maria.

Horacinda dos Santos, a Cida, vive há 33 anos em uma casa ainda mais perto da área de proteção. É lá que vive com o marido e a filha de 15 anos. Apesar de trabalhar em Niterói,



Sempre de pés descalços, Sergio de Souza zela pela área verde do Engenho Pequeno, onde faz replantio de árvores nativas e alerta outros moradores sobre a importância da consciência ecológica



“Acho muito tranquilo morar aqui. Vivo com minhas janelas abertas”

Maria Helena de Barros

“Sempre morei aqui e me mantenho por causa da mata ... Gosto muito desse jeito de viver”

Horacinda dos Santos

ela viaja com prazer para a cidade vizinha na única linha de ônibus que faz o trajeto, sabendo que a família a aguarda em casa.

“Sempre morei aqui e me mantenho por causa da mata. Faz um tempo que não visito a APA, mas já estamos planejando um passeio por lá. Gosto muito desse jeito de viver, mesmo com as cobras que às vezes aparecem na minha casa”, brinca.

Na luta pela manutenção da fauna e da flora

Outro que não vive sem a mata é o ex-funcionário da estalagem Sérgio de Souza, que tem como principais

características seus pés descalços e a luta pela manutenção da fauna e da flora locais. São 61 anos de experiência em todos os cantos da APA, convidados diariamente desde os seis, quando teve que se virar para ajudar a criar os irmãos. Sobreviveram das raízes, folhas e animais que vivem por lá. Hoje, ele conhece cada segredo.

“Tá vendo essa árvore de cambará aqui? Com ela eu curei quatro filhos de bronquite e os netos ainda. Tudo nessa mata tem utilidade, só as pessoas que não sabem. Minha maior tristeza é ver isso aqui abandonado, faz anos que espero melhorar. Nós só escutamos promessas e o que precisamos é de educação”, desabafa o

homem, que também é funcionário contratado da área de preservação.

Sincretismo religioso e a energia da mata

O mesmo seu Sérgio também conta sobre a quantidade de energia positiva que vive na mata. É tanta, que evangélicos realizam cultos ecológicos no local, católicos têm a santa embaixo da pedra e espíritas têm o “macumbódromo”, espaço destinado a realização de oferendas e eventos. Todo mundo é bem vindo ao “paraíso na Terra” de São Gonçalo.

“Só pedimos para cada pessoa respeitar o espaço da religião alheia. Estou sempre de olho nesses lugares, vendo se estão em ordem. Na nascente, por exemplo, alguns despachos podem contaminar a água, por isso venho e mostro o caminho do local certo para isso. Do mesmo jeito, repreendo quando alguém se intromete no ritual de outros e por aí vai. Precisamos que a APA se mantenha assim, de todos os grupos”, considera o sabe-tudo da região.